

Oi, Rejane:

Vamos adiante!

Material de apoio, em 02/25/13

Guerra entre uma cidade e Benim.

" Um caçador ansiava por ter uma esposa boa o bastante para que, ao chegar de sua faina diária na selva, em busca de animais para subsistência, tivesse um bom prato de comida, esperando-o. Não lhe favorecendo a sorte nas companheiras, continuou decapitando-as, uma a uma, na medida em que falhavam naquilo para que eram "contratadas" (JL:-o casamento é um contrato). Eis que, um dia apareceu uma candidata que, fingindo estar com uma irritação na virilha, induziu-o a, pela primeira vez na vida, tocar a genitália feminina. Após algumas novas visitas do caçador, a mulher viu-se grávida, dando à luz a gêmeos (JL:-não esquecer o detalhe de que é outra cultura, não a de Benim, vide o título), que se criaram maravilhosamente bem, tornando-se heróis de seu povo.

Mas a oportunidade de mostrarem-se verdadeiros destemidos ocorreu quando o obá de Benim expediu um édito determinando que, a cada ano, um de seus mensageiros fosse até a cidade vassala, e arrancasse um dente de um dos gêmeos. Seria usado pelo obá quando da homenagem anual aos seus ancestrais. Ao saber do édito, os gêmeos foram até seu pai e o informaram de que não iriam se sujeitar à ordem do obá. Assim, quando os emissários do obá, em número de doze, apareceram para executar o trabalho de tiradentes, os gêmeos mataram nove deles e encarregaram o restante de informar ao obá que a ordem não seria cumprida. Humilhado, o monarca mandou uma companhia de seu exército, para impor o édito. Quando chegaram, o mais novo dos gêmeos, o que havia saído por último do ventre materno, deu conta de toda a companhia do exército. Mais bravo, o obá mandou o resto de seu exército para impor a ordem, então, o mais velho dos gêmeos exterminou com os homens do obá de Benim. A seguir, os dois juntaram-se e se dirigiram ao palácio do obá, derrubando todas as barreiras, até que liquidaram com o monarca, instalando seu pai como o novo obá de Benim.

JL: - A seguir, o ensaísta tece considerações sobre a miríade de histórias orais concernentes às origens estrangeiras dos soberanos de Benim. Eventualmente, já se constituem em substrato do comportamento de personagens, de fatos narrados ou que estão por acontecer em minha ficção.

.....

Explicação científica para a construção de personagem real, tratado de forma ficcional:

1)

" Para começar, Benim foi tradicionalmente governado por um rei divino que, como tradicionais e respeitados antropólogos nos dizem, foi concebido para ser o representante temporal da ordem sobrenatural; um governante que sobreviveu a constantes desafios à sua autoridade, ao longo da história, fazendo com que ele não apenas passasse a dispor do poder de vida e morte sobre seu povo, mas visto e aceito como superintendente de seu bem-estar espiritual (in Bradbury, *Benin Studies* 75; p. Ben-Amos, *Men and Animals* 245;

Kaplan 79; Schaefer 77). Os íbos, pelo contrário, se constituem em uma cultura tradicionalmente republicana, amante da liberdade individual, a tal ponto de não conseguirem se lembrar de alguma experiência monocrática antes de travarem contato com sistemas políticos como Benim - os íbos vêem em cada cidadão um rei."

.....

2)

"Estudos mais recentes da família tradicional íbo (JL:- posso escrever às vezes igbo, é a mesma coisa), especialmente desenvolvidos por intelectuais femininas como Kamene Okonjo (*Dual-Sex Political System*" e "*Woemen's Political Participation*") e Ifi Amadiume (*Afrikan Matriarcal Foundations e Male Dazughters*), demonstraram de forma intensiva que havia uma estrutura baseada numa distribuição de tarefas, de tal forma que tornava a mulher não menos central e importante do que o homem, para seu funcionamento e sobrevivência. E isto, em verdade, ocorreu porque a mulher íbo se encontravam tão consolidada nas estruturas de poder de sua sociedade que, quando as autoridades coloniais tentaram esmagar seus direitos tradicionais, as mulheres saíram em defesa deles de uma forma que deixou alarmados os opressores -- uma resistência nunca vista antes.

JL: - A criação de Agahowa, te juro, foi intuitiva. Não sei se intuição não se liga, subjacente em meu intelecto, àqueles mais de 15 anos de África. Este material o recebi ontem.

O material acima deve ter sua fonte revelada, como condição para publicação, o que faço a seguir:

From *Research in African Literatures*, Volume 29, Number 1

**African Mythology and
Africa's Political Impasse**

Isidore Okpewho

Permission to Copy

You may download, save, or print for your personal use without permission. If you wish to disseminate the electronic article, to produce multiple copies for classroom use, or otherwise to duplicate this article, please request permission from: Rights and Permissions, Journals Division Indiana University Press 601 North Morton St. Bloomington, IN 47404 E-mail: journals@indiana.edu

.....

Outra coisa:

" Embora essas fontes não sejam destituídas de dificuldades, examiná-las criticamente ensejou a formulação de uma hipótese sobre o período altamente inovativo da história de Benim" (Livro de Antropologia: "*Art, Inovation and Politics in Eighteenth-Century Benin*", de Paula Ben-Amos, pg. 137).